

JORNAL: Jornal do Brasil LOCAL: Rio de Janeiro

DATA: 05/06/1984 AUTOR: Roberto Pontual

TÍTULO: Coleção Gilberto Chateaubriand — Em cada porto, uma história

ASSUNTO: Coleção de Gilberto Chateaubriand, a mais ampla, completa e pormenorizada de Brasil, tem obras de Serpa, Hélio Oiticica e outros.

Rio de Janeiro — Quinta

Coleção Gilberto Chateaubriand EM CADA PORTO, UMA HISTÓRIA

LONDRES — O valor e a importância de uma coleção de arte podem ser também medidos pela diversidade de leituras a partir do material nela contido. Ou seja, tanto mais rica e influente ela será, quanto maior for a diversificação de sua chegada até o público. Este é o caso preciso da Coleção Gilberto Chateaubriand, a mais ampla, completa e pormenorizada de que se dispõe no Brasil para o conhecimento da arte moderna e contemporânea brasileira, desde meados da segunda década do nosso século aos dias de hoje.

Não tendo podido ainda se transformar em fundação ou museu, acumula-se por todos os espaços do apartamento onde vive o colecionador, no Rio de Janeiro ou na sua fazenda de Porto Ferreira, no interior de São Paulo. Continua, portanto, vedada ao olhar cotidiano do público. O que é uma lástima, especialmente em país tão carente desse alimento. Mas, de uns 10 anos para cá, Gilberto Chateaubriand decidiu-se a amenizar a lacuna, permitindo que peças de sua coleção saiam de casa, constituam livros, exposições e catálogos, e, assim, viajem pelo Brasil e pelo mundo.

Até o momento, quatro mostras deram conta mais vasta de sua extensão e profundidade. A primeira, de maio a julho de 1981, ocorreu no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. A segunda, entre julho e setembro do ano seguinte, ocupou a Galeria de Exposições Temporárias da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. As duas outras são mais recentes: a do Museu de Arte Moderna de São Paulo, de maio a junho últimos, e a do Centro de Artes Barbican, em Londres, que acaba de inaugurar-se para ali continuar aberta até o dia 19 de agosto próximo.

Cada uma dessas mostras teve um título, o que já indica aquela potencialidade de leituras distintas a que me referi no início: Do Moderno ao Contemporâneo (MAM do Rio), Brasil — 60 Anos de Arte Moderna (Gulbenkian), Retrato e Auto-Retrato de Arte Brasileira (MAM de São Paulo) e Retratos de um País (Barbican). Se sempre se tratou de apresentar, nos quatro casos, a arte de um país ou um país através de sua arte, isto se fez por caminhos bem diferentes.

É verdade que as duas primeiras exposições, no Rio e em Lisboa, ambas obedecendo a uma seleção e a uma montagem de Wilson Coutinho, foram praticamente idênticas quanto às obras que as compunham e à maneira de relacioná-las entre si. Seu organizador optou por uma visão decididamente histórica, quero dizer cronológica, do material disponível. Deu ao visitante um percurso vindo do mais antigo ao mais novo, localizando os artistas e suas obras por décadas, tal como eu já havia feito em 1976 no livro *Arte Brasileira Contemporânea/Coleção Gilberto Chateaubriand*. Não cheguei a ver a terceira dessas mostras, no MAM paulista, sob a responsabilidade de Frederico Moraes. Mas, pelos ecos e a leitura do catálogo, verifica-se que o alinhamento cronológico nela foi grandemente amenizado em benefício de uma apresentação mais voltada para a criação de núcleos temáticos — idéias substituindo datas, reflexão tornando-se possível após uma certa sedimentação da história.

A mostra de agora, no Centro Barbican, de Londres, de que me encarreguei sempre ao lado da inglesa Sheena Wagstaff, leva a um ponto mais extremo esse necessário, porque instigante, abandono do enquadramento histórico-cronológico. Desde os primeiros momentos de nosso trabalho conjunto, enquanto selecionávamos as obras, sentimos que a opção histórica — isto é, a disposição de proporcionar ao público inglês um contato encadeado e detalhado no tempo com o desenvolvimento das artes plásticas no Brasil no século XX — era a menos indicada na circunstância. Ela nos obrigaria a pensar as obras muito mais como acontecimentos ligados a questões que lhes são exteriores do que como elementos de prova de uma realidade supra-histórica, feita de imagens que nascem, vivem e se explicam no próprio interior da obra, e que se fertilizam

mais no contato de obra a obra do que na insistência de trazê-las para uma estrita armadura de fatos, registros e datas.

Claro que a história nunca desaparece de todo. Seria no mínimo aberrante tentar essa "solução final". Mas, para a exposição da Coleção Gilberto Chateaubriand em Londres, quisemos fazer com que o puro desdobramento histórico da arte brasileira entre 1917 e 1976 (datas extremas das 126 pinturas, desenhos, esculturas e objetos nela contidos) se reduzisse a um discreto pano de fundo, às vezes quase imperceptível. Assim procedendo, demos à mostra um caráter fundamentalmente temático. Ali, são os núcleos imaginativos que tomam a frente da história — imagens que, vindas desta ou daquela obra, se agrupam em núcleos, familiares entre si; e imaginação posta a funcionar para compatibilizar imagens aparentemente refratárias a maiores aproximações.

A própria estrutura espacial do Centro Barbican nos terá atraído até a opção temática. (Uma palavra para localizar melhor o centro de artes londrino. Pronto há dois anos, o Barbican tem uma vocação

interdisciplinar semelhante à do Centro Pompidou, em Paris — de que é, aliás, o mais novo e ferrenho concorrente. Sua programação se diversifica em cinema, teatro, música, dança e, em dois generosos andares, artes plásticas. É uma entidade flexivelmente administrada pela municipalidade de Londres.) O espaço destinado à exposição Chateaubriand conta com oito grandes salas em U, interligadas por uma passarela externa. Um convite irresistível a criar núcleos de 10 a 15 obras em cada uma das salas, núcleos auto-suficientes, porém capazes de se ligar uns aos outros por sutis centelhas saídas das obras que estrategicamente os compõem.

Esses oito núcleos têm títulos: Uma Questão de Identidade; Rostos e Lugares; Terra, Trabalho e Mulher; na Frente do Espelho (para abrigar os muitos autorretratos que definem uma das preferências da Coleção); Deus; Abstraindo a Figura; Entre o Plano e o Espaço (toda a pesquisa com as formas geométricas mais precisas e puras); e Imagem: Idéia. Embora o percurso ideal do visitante seja na ordem que acabo de anotar, nada impede nem atrapalha que ele se decida por fazer um outro qualquer percurso. O importante a ressaltar é que cada núcleo contém obras das mais diferentes épocas e maneiras, e, também, que se procurou exemplificar a contribuição dos artistas distribuindo suas obras por núcleos distintos. As três pinturas de Volpi, por exemplo, estão nos núcleos Deus (*Estudo para o Afresco na Capela Dom Bosco*), Abstraindo a Figura (*Bandeirinhas*, c. 1970) e Entre o Plano e o Espaço (*Bandeirinhas*, c. 1960). Isolo o primeiro desses núcleos — Uma Questão de Identidade — para definir melhor e concretamente o espírito da exposição. Composto de 17 obras, começa e termina por imagens de índios.

ROBERTO PONTUAL

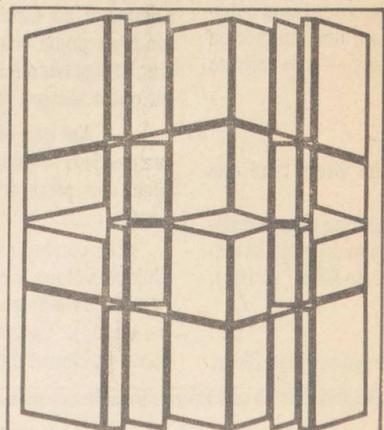
caderno
B



Ivan Serpa, *Eles e Elas* (1965)



Tarsila do Amaral, *Estudo para "A Negra"* (1923)



Hélio Oiticica, *Metaesquema* (1958)